

OBSERVAÇÕES SOBRE SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Archibald O. Haller

Vamos rever neste documento a recente história da sociologia e as suas bases nas universidades da América do Norte. Quero, inicialmente, delinear para os senhores as dificuldades pelas quais ela passou. Desejo, depois, descrever sucintamente os melhores programas de sociologia. Por fim, pretendo sugerir algumas implicações para a sociologia rural; sendo a mais importante a de sociologia analítica, praticada nos "departamentos - elite" que tem progredido rapidamente.

A dificuldade do sociólogo rural em aplicar o melhor da sociologia moderna não está na sua suposta inaplicabilidade da disciplina e nas tendências conservadoras dos seus cientistas mas sim na dificuldade dos próprios sociólogos rurais e de suas instituições em se manterem atualizados.

As universidades entraram em proeminência notável durante os anos de 1960. Isto parece ter acontecido em todo o mundo. Foi certamente o caso da América do Norte, onde a maior parte dos sociólogos do mundo estão concentrados. Essa proeminência trouxe ganhos e perdas. De um lado, foram muitos os que acreditaram que seus próprios problemas e os problemas do mundo iriam ser resolvidos por meio do conhecimento que estava disponível nas universidades.

Universidades públicas já estabelecidas, se desenvolveram, algumas aumentando as matrículas cinco vezes ou mais, entre 1945 e 1970. Novas universidades estaduais foram fundadas. Dinheiro para pesquisa fluiu para as "universidades - elites" tanto estaduais como privadas. A maior parte dos recursos para pesquisa veio dos governos nacionais.

Outra parte veio de fundações particulares. Muitos países estabeleceram centros nacionais para financiar pesquisa básica. Uma grande quantidade de dinheiro também veio dos Ministérios de Educação, de Relações Exteriores, e de Defesa. Como consequência, talentos especializados se acumularam nas "universidades - elites". Provavelmente todos os campos imagináveis de conhecimentos se beneficiaram, alguns mais do que outros. A sociologia seguiu bem perto este padrão. Na Grã Bretanha, por exemplo, departamentos de sociologia foram fundados na maior parte das novas universidades (apesar que Oxford e Cambridge permanecerem a parte). Na Holanda o campo da sociologia floresceu. Todos outros lugares da Europa parecem ter evoluídos, porém, em menor grau. Isto é, é minha impressão que as matrículas têm aumentado rapidamente mas quanto aos professores o mesmo não tem acontecido.

Nos Estados Unidos e Canadá departamentos de sociologia foram expandidos ou fundados, professores foram acrescentados, matrículas de graduados aumentaram, novos programas de estudo de pós-graduação foram iniciados e os antigos foram aumentados. De 1951 a 1968 na Universidade de Wisconsin, por exemplo, o número de estudantes pós-graduados em sociologia passou de 60 para 225, enquanto os professores de sociologia passaram de 10 - 12 para cerca de 70. Em 1962, pelo menos 162 universidades norte-americanas ofereceram programas de estudos pós-graduados em sociologia.

Computadores, absolutamente essenciais em muitas pesquisas sociológicas, aumentaram suas capacidades.

As "universidades - elite" desenvolveram então conjuntos altamente diversificados de talento especializado, e arranjaram sistemas flexíveis e efetivos para a geração, a análise e a síntese de dados e, com isso conseguiram atrair novos fundos para financiá-los.

Se o período dos 60 foi de grande otimismo para a disciplina e para as universidades, foi também simultaneamente de pessimismo. Como sempre deu-se na história, o conhecimento foi posto a serviço da força militar. Em primeiro lugar, a origem do pessimismo da década dos 60 surgiu perante a segunda guerra, quando as universidades passaram a fazer contribuições aos assuntos militares. E muitas pessoas passaram a temer às universidades e o conhecimento que delas era gerado.

A segunda fonte das dificuldades das universidades veio do problema racial. Em 1954 a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu-se contra a discriminação racial na educação, ordenando a dessegregação das escolas com uma "rapidez deliberada": a pesquisa sociológica foi convidada a justificar esta ação. Os Estados Unidos tinham sofrido segregação rigorosa.

Discriminação e preconceito racial já eram contrários aos valores da maior parte da população branca, apesar de ser por ela praticado. Não somente eram muitos os negros tirados do contato com os brancos, mas eles se concentravam,

quase todos, na base do sistema de estratificação. Em cada variável de status (riqueza, poder, prestígio e educação), os negros estavam abaixo dos brancos. Este fato não era do conhecimento geral; mesmo se fosse, há uma grande diferença em conhecer um fato abstratamente e sentir o sofrimento de amigos negros que viviam em uma situação sub-humana.

A "rapidez deliberada" da ordem de desagregação tornou-se uma bomba-relógio. Quase 10 anos depois, em meados de 60, a juventude negra e pobre, e a juventude branca e afluente, encontraram-se nos "campus" das universidades brancas. Os brancos começaram a sentir as consequências de séculos de escravidão e de segregação. A indignação e a repulsa contra o sistema, produzidas pela discriminação, tornou-se subitamente a regra em muitos "campus" norte-americanos e também em outros lugares. O "racismo" da sociedade norte-americana foi de repente exposto ao mundo educado, especialmente aos estudantes universitários.

O elemento de pessimismo aumentou; ao medo da bomba atômica, foi acrescentado o ressentimento do racismo. Mas as raízes do pessimismo ainda não haviam sido alcançadas. Problemas internacionais produziram a terceira fonte. Relações entre os poderes mundiais capitalistas e socialistas foram tornando-se difíceis no momento em que terminou a Segunda Guerra Mundial. Estas relações se traduziram em enfrentamentos na Coreia e em Berlim. Cada conjunto de poderes temeu as tendências expansionistas do outro, e os estados líderes

de ambos os lados (Estados Unidos e a União Soviética) temeram as armas nucleares de cada um. Os dois super-poderes fizeram acordo tácito em respeitar as esferas de cada um, pelo menos com relação à parte da ação militar. Suas tentativas de expandir foram levadas a efeito por grupos de apoio político dentro de países que não concordaram com uma das duas linhas.

Ao mesmo tempo os Estados Unidos anunciou a doutrina de contenção à qual quer intento de ampliar as esferas de influência socialista, ameaçando com uma reação militar proporcional. As tentativas maiores ocorreram em Cuba e na Indo-China. Em Cuba uma paz difícil foi mantida apesar da crise Estados Unidos - Rússia dos mísseis e da invasão da Baía dos Porcos. O encontro decisivo chegou na Indo-China. Uma linha marcada lá como na Coreia e Berlim, mas não funcionou, e o envolvimento dos Estados Unidos foi escalado a altas proporções.

Professores de prestígio de institutos de pesquisa de algumas universidades participaram em muitas fases desta guerra. Nos Estados Unidos, o ressentimento contra a guerra e contra as próprias universidades aumentou em proporção ao envolvimento militar do país; isto ocorreu especialmente entre os jovens.

Em meados de 1968, o pessimismo estava em seu mais alto nível nos "campus" americanos. Chocados pela descoberta da discriminação racial, aborrecidos pela continuação da impopular guerra e pela contribuição universitária a ela, muitos "campus" movimentaram-se através

de demonstrações e greves. Mas a maior parte da população não foi tão afetada. Muitos eleitores nos Estados Unidos não entenderam e ainda não entendem quão seriamente a discriminação e a guerra afetam um grande número de indivíduos, e particularmente, quão profundamente mortificados ficaram muitos estudantes.

A opinião pública é uma força enorme nos Estados Unidos; mas ela pode funcionar quer como uma força de mudança quer como um fator de resistência. Durante a revolta estudantil, ela operou mais como um fator de resistência. O respeito público pelas universidades declinou.

Ironicamente, o eleitorado culpou os professores universitários, especialmente os sociólogos, pelas greves. No entanto, o respeito pela sociologia não caiu muito. Os estudantes ainda querem entender a sociedade e o mundo no qual vivem, e, em geral, respeitam os dados e conceitos que os sociólogos usam para fazer isso. Planejadores nacionais ainda respeitam dados e análises cuidadosas. Porém, o ritmo de crescimento da sociologia diminuiu.

Diz-se que há menos empregos para sociólogos; isto é razoável, mas necessita-se de mais evidência. De qualquer modo, o número de pós-graduados caiu de 2/3. Diz-se também que recursos para pesquisa estão agora difíceis; na verdade, acredito que hoje em dia há mais dinheiro disponível do que jamais houve, embora este dinheiro tenda a ir somente para os centros mais competentes.

Na minha opinião, apesar das dificuldades das universidades e da própria

sociologia, esta tornou-se institucionalizada em todo o mundo ocidental e especialmente na América do Norte durante os anos 1960. As agências de financiamento estão cada vez mais convencidas de que informações confiáveis podem ser extraídas de pesquisa sociológica; informações que, entre outras coisas, podem ser usadas para detectar as fontes de descontentamento social. Ao mesmo tempo, aqueles que têm interesse em promover justiça social ainda acreditam que a análise sociológica pode ajudar nessa tarefa.

Por algum tempo os sociólogos e as universidades foram criticados por pressões de consciência social desenvolvida no sentido de que eles ajudavam a explorar povos oprimidos e não forneciam soluções aos problemas mundiais. Também eram criticados por serem subversivos. É interessante notar que, nos Estados Unidos, nem sociólogos nem departamentos de sociologia pareceram sofrer séria reprimenda quando criticaram as políticas do governo, exceto quando violaram alguma lei. A situação foi diferente, entretanto, para certas universidades, cujos orçamentos sofreram cortes das Assembléias Estaduais como expressão de descontentamento público com os estudantes e professores. Mas hoje, a situação é mais tranquila. Em 1972, parece haver uma avaliação da sociologia, a qual é favorável e um pouco mais razoável do que era.

O que isto prevê para a sociologia? Na minha opinião: uma ativa sociologia orientada por pesquisa "veio para ficar", na América do Norte. Na verdade, há um movimento para igualar

as universidades estaduais, que usualmente pertencem a governos estaduais ou províncias na América do Norte. O maior impacto disto é mais provável de ser sentido na educação de nível graduado. Por outro lado, o apoio nacional para pesquisa parece pleno, porém mais dirigido para as "universidades de elite".

Se eu leio os sinais corretamente, os fundos para pesquisa tendem a ir para os pesquisadores mais competentes dentro das faculdades melhor dotadas. Se isto é verdade, deveremos testemunhar uma concentração de pesquisa nos departamentos distinguidos das elites universitárias. Ao meu ver esses departamentos irão gradualmente desistir de seu ensino graduado (o que as universidades particulares já fizeram), aumentando enquanto isso, gradualmente, o tempo que dedicam ao treinamento de sociólogos em pós-doutoramento; suas pesquisas e seu ensino a níveis de pós-graduação e pós-doutoramento se tornarão ainda mais intimamente ligados. São seis os programas de sociologia nos Estados Unidos que estão considerados como "distinguidos" no último "Relatório Carter" (1971). Tres desses estão em universidades estaduais e tres em particulares. Todos tem um corpo numeroso de professores. Dois dos tres que estão em universidades estaduais são também os maiores de todos os programas de sociologia dos Estados Unidos.

Vamos examinar o tipo de sociologia praticada nessas universidades, pois, elas serão, provavelmente os modelos para outras universidades.

Parece-me que a sociologia praticada naquelas universidades basicamente busca a explicação sistemática de fenômenos sociais e o desenvolvimento das técnicas de pesquisa. Em sentido "literal" a palavra "explicação" parece significar o fornecimento de uma explicação detalhada de um fenômeno. Em geral ela consiste em um conjunto de operações lógicas: determinação e explicação de classes e sub-classes que pertencem a um conceito; descrição de suas sub-classes e as relações entre si; esclarecimento dos relacionamentos antecedentes-consequentes-co-variantes, nos quais os fenômenos assim sumarizados estão implícitos. Explicação de fenômenos empíricos requerem e geram teorias sobre os mesmos e a metodologia para testá-los. Consequentemente, algumas explicações são dirigidas à construção de teorias e elaboração de métodos e técnicas de pesquisa. Mas nem todas as explicações são tão criativas como estas; algumas são dirigidas a teorias já bem desenvolvidas e a métodos já bem desenvolvidos que operam em outros campos. Quer dizer que os sociólogos nas "universidades-elite" visualizam as suas principais tarefas sociais ou métodos de pesquisa à outras elites ou à prospectivas elites.

Não que haja uma uniformidade de ênfase entre a elite de sociólogos. É verdade que entre eles partilham de uma tradição comum, isto é, a maioria tem lido muitos dos mesmos livros e lido revistas especializadas. Sem dúvida eles frequentemente lêem os manuscritos submetidos por seus colegas às revistas,

ou algumas vezes até antes deles serem submetidos. Mas cada um tem uma ou mais especialidades na qual ele é particularmente perito e cujos detalhes são na maioria desconhecidos dos outros. Essas especialidades têm duas formas: sub-disciplinas e frentes de pesquisa. Em sociologia existem três principais sub-disciplinas que têm teorias, unidades e objetivos mais ou menos distintos. Estes são: organização social, psicologia social e demografia.

Correspondendo a cada área institucional da sociedade, existe também uma sub-disciplina de sociologia. Sociologia política, sociologia de educação, estratificação social, sociologia de religião e sociologia ocupacional são algumas das mais duráveis das subdivisões institucionais. Também os contextos de conjuntos de problemas recorrentes, podem gerar uma sociologia especializada; sociologia rural e sociologia urbana são bons exemplos.

Cada uma das acima mencionadas (e muitas outras) é uma área de conhecimento profundo para pelo menos alguns sociólogos. Nos departamentos-elite, os sociólogos tendem a ter conhecimento especializado em sub-disciplinas cujas teorias são descobertas e penetram grandemente em outras sub-disciplinas.

A Tabela I mostra a distribuição de 162 departamentos de sociologia nos Estados Unidos e Canadá que, em 1972 ofereceram estudos pós-graduados. Entre si eles tiveram 22 sub-disciplinas. Eu selecionei aquelas enfatizadas por pelo menos 5 dos 6 departamentos-elite.

Pode-se ver pela Tabela I quais são as sub-disciplinas que tendem a serem enfatizadas pela sociologia no total e nos departamentos-elite.

Em qualquer ciência, além das sub-disciplinas, há também, as frentes de pesquisa. Estas consistem em pesquisas e publicações a respeito de um determinado setor de conhecimento que está em pleno desenvolvimento. Isto ocorre também com a sociologia. Como exemplo nós poderemos citar o trabalho em processos de procura de status ("status attainment processes") sumarizado em Haller e Portes, 1973, assim como, trabalho em Sociologia e Ciência que os Coles tem realizado (J.Cole e S.Cole; na imprensa). Há outros.

Assim, dentro da variedade de tópicos compreendidos nos programas norte-americanos de sociologia, existem alguns considerados de importância durável porque tratam de teorias e metodologia fundamentais, ou de fenômenos sociológicos que caracterizam as sociedades modernas. Há em cada departamento-elite um ou mais professores especializados em cada uma das sub-disciplinas enfatizadas pelo departamento. Estas pessoas também participam nas frentes de pesquisa. O número de professores permanentes desses departamentos são altos pelos padrões latino-americanos e pelos padrões de sociologia rural de qualquer parte. Cada um tem um grande número de programas especializados.

Este fato está ilustrado na Tabela 2, que usa dados da Associação Americana de Sociologia (1971). O número de programas pós-graduados especializados

é uma boa indicação da variedade de "expertise", porque um bom departamento reivindica competência em uma sub-disciplina especial somente quanto tem pelo menos um professor que está profundamente enfronhado naquela disciplina e está participando em qualquer frente de pesquisa que a área esteja experimentando.

A variedade de especializações que esses departamentos tiveram em 1971 - 1972 é dada na Tabela 3. Esses seis departamentos são também os mais produtivos em trabalhos escritos; isto é mostrado em um artigo de Glenn e Villemez (1970), que ordenaram 45 departamentos produtivos conforme a cinco critérios:

1. uma medida da importância da contribuição dos artigos publicados nas revistas sociológicas;
2. soma de artigos nas revistas "American Sociological Review"; na "American Journal of Sociology" e na "Social Forces";
3. número total de artigos no "American Sociological Review";
4. número total de artigos; e
5. número total de livros.

Com algumas exceções, os seis departamentos mantiveram as primeiras seis posições em todos os critérios.

Em resumo, os departamentos líderes de sociologia nos Estados Unidos são diversificados, grandes e bem equipados. O propósito deles é adicionar e estender conhecimento sociológico e as regras pelas quais ele foi conseguido, e comunicar seus descobrimentos a

outros sociólogos, às agências de política e aos peritos em outras disciplinas. No ocidente este tipo de sociologia está crescendo a uma taxa rápida, e está também tomando posição na Europa Leste, Ásia e América Latina. Sua utilidade está na sua técnica de pesquisa e em seus conceitos. Ela produz informações que são consideradas indispensáveis ao público e aos políticos da maioria, se não de todos, os estados modernos. Substantivamente, os departamentos mais distinguidos, todos eles tem especializações exatamente naquelas sub-disciplinas que são cruciais para as sociedades contemporâneas, incluindo aquelas na América Latina, estratificação social, desenvolvimento sócio-econômico, sociologia política, e sociologia ocupacional.

Existem razões epistemológicas que fazem esses assuntos inviáveis na América Latina? Parece-me que a resposta é bem clara: Não. Se esta pergunta significa "São eles contrários a teorias dinâmicas como a de Marx"? a resposta é que a sociologia moderna e teoria marxista são suficientemente flexíveis para se acomodarem, e elas assim o estão fazendo ao lado de outras posições. A teoria marxista é ensinada em todos os melhores departamentos de sociologia. Por outro lado países marxistas estão aprendendo a sociologia ocidental e estão usando-a em trabalhos

Se não existem impedimentos filosóficos fundamentais para a sociologia moderna na América Latina, existem então impedimentos reais? A resposta é: Sim. Primeiro, esse tipo de sociologia é cara. Ela requer um grande número

de especialistas bem treinados, assim como uma complexa infra-estrutura que consiste em pessoal de pesquisa, computadores e bibliotecas. Poucos são os centros na América Latina que têm uma real possibilidade de obter os meios necessários. Segundo, "as evidências destroem os mitos pelos quais os homens vivem". Ela "desencanta o mundo", como Weber costumava dizer. Os que são dedicados às ideologias da direita ou da esquerda tem medo da ameaça que representa o conhecimento sociológico objetivo, para as bases ideológicas de suas posições de poder. Terceiro, esta espécie de sociologia não produz ordinariamente respostas rápidas e fáceis. A pesquisa cuidadosa leva tempo, esforço e dinheiro. Aqueles que são impacientes, que querem que seus sonhos se tornem rapidamente realidade, não desejam devotar-se ao lento movimento do conhecimento sociológico bem elaborado.

Vamos agora examinar a sociologia rural neste contexto. Ela engloba um número pequeno de sociólogos e programas que tentam atingir dois objetivos extremamente difíceis. De um lado, eles tentam desenvolver o corpo teórico da disciplina através da elaboração de conceitos gerais e do teste de proposições empíricas. De outro, eles são forçados a pular de um para outro problema tentando resolvê-los e, ao mesmo tempo, tentando ajustar os conceitos à realidade empírica. Essas duas "metas" requerem uma variedade de "expertise" que poucos, se alguns, podem realmente possuir.

Existem aproximadamente 350-400 Ph.Ds. que são membros da Rural Sociological Society (6 Ph.D. ou seu equivalente

em sociologia rural são o critério principal pelo qual determinamos quem é um sociólogo rural suficientemente treinado). Talvez existam 100 a 200 sociólogos rurais igualmente preparados no restante do mundo. Observem o contraste: em 1970 existiam 5.363 Ph.Ds. em sociologia e psicologia social somente nos Estados Unidos (American Sociologist, 10/72).

Há somente uma dúzia de programas pós-graduados que dão ênfase a sociologia rural nos Estados Unidos e Canadá; mais 18 instituições declaram que promovem estudos em sociologia rural. Existem poucos programas viáveis em sociologia rural na Europa. Há somente um que eu conheça em toda a Ásia. Claro que existem muitas instituições pelo mundo, aonde um ou dois produtivos sociólogos rurais estão trabalhando. Existem, em minha opinião somente três razoavelmente grandes programas de sociologia rural em todo o mundo. Dois estão nos Estados Unidos e um na Holanda. Mesmo esses não tem aquela combinação de números e qualidade que os fariam equivalentes aos melhores departamentos de sociologia. Considerem a divisão desses programas. Todos os de elite de sociologia estão direcionados somente para a explicação de conceitos e de metodologia, os programas de sociologia rural obviamente tem esta tarefa, no seu próprio campo. Para elaborar explicações sérias, e fazer a pesquisa requerida, o sociólogo e sua instituição precisam de conhecimento e facilidades diversificadas e dispendiosas. Mas o fenômeno que nós chamamos de vida rural é enormemente variado no mundo inteiro. A tarefa científica exige

que os poucos sociólogos rurais do mundo obtenham e troquem entre si, informação detalhada sobre a sociologia dos muitos povos rurais do mundo. Claro, que isto não é feito com sucesso. Esta fabricação por si só é suficiente - mente difícil. Mas nós os sociólogos rurais, também exigimos de nós mesmos outra tarefa que é de algum modo contraditória: resolver problemas prementes do ambiente rural atual, através de ação direta. Esta tarefa é impossível e frequentemente não é nem sociologia.

Acontece, que apesar das limitações de recursos, algumas instituições de sociologia rural conseguem aprender novas informações úteis com respeito a alguns grupos de povos rurais.

Uma análise sociológica séria de um problema humano requer todo o conhecimento sociológico disponível em relação ao mesmo. Poderá requerer a geração e teste de novos conceitos. Isto exige uma profunda "expertise" na teoria e método focalizados no problema. Poucos de nós tem os recursos que poderiam permitir fazer contribuições válidas a muitos problemas de natureza diversa. Mas isto é frequentemente esperado da sociologia rural aplicada. O sociólogo rural é frequentemente requisitado para efetuar tarefas aplicadas que realmente não exercitam ou desafiam seu "expertise". Este é um pobre uso de pessoal com treinamento caro, e atrofia a capacidade do sociólogo, como também do seu pessoal de pesquisa.

Como cientistas, os poucos sociólogos rurais do mundo devem estender e aplicar conceitos sociológicos para

contextos mais amplos. Aqui surge entretanto, o problema da transferência de conhecimentos de sociedade para sociedade. Por exemplo, é claro que a sociologia da "vida rural" norte-americana é irrevelante para os agricultores de plantações tropicais no Brasil. Em um nível mais alto de generalizações, a "farm sociology" na América do Norte moderna e na Europa contemporânea, não é muito útil quando alguém deseja compreender agricultura de quase qualquer outro lugar. Em meu julgamento, as partes da sociologia rural que são mais prontamente transferidas de país para país são justamente os conceitos teóricos básicos e os métodos de pesquisa. Por muitos anos os sociólogos rurais do "Terceiro Mundo" tem apropriadamente criticado o treinamento dos sociólogos rurais da América do Norte e Europa por usarem só dados e exemplos dos países desenvolvidos. (Taylor, Reeder, Mangalam, 1970).

Em suma, eu acredito que existe uma lacuna crescente na qualidade das análises sociológicas ilustradas pelo trabalho dos departamentos-elite de sociologia e dos de todos os programas de sociologia rural. Isto vem a tona por duas razões fundamentais:

1. existem relativamente poucos sociólogos rurais e programas de sociologia rural e seus meios são pequenos comparados aos disponíveis para os departamentos elite.
2. os sociólogos rurais e seus programas distribuem seu tempo e outros recursos entre um conjunto de atividades mais ou menos incompatíveis.

Conforme pode-se ver eu estou bem cético quanto as reclamações de que os problemas peculiares da América Latina, ou os preconceitos conservadores do sociólogo afetam a aplicação de sociologia norte-americana ou européia, na América Latina.

Nosso problema aqui é o de como capturar o melhor que a sociologia oferece. Poderemos obter os recursos e o numeroso pessoal necessário? Poderemos manter os conhecimentos atualizados? Se isto for possível, nós poderíamos aumentar a participação dos sociólogos

rurais da América Latina no refinamento da análise sociológica através de pesquisa cuidadosa, e utilizar sistematicamente este conhecimento crescente para ajudar na solução dos problemas da vida rural latino-americana. Em documento recente Pastore (1972) mostrou como tal "expertise" poderia ser posta em serviço para ajudar a prover impulso tecnológico em grande escala para ajudar a compreender e resolver outros problemas fundamentais da sociedade, tais como, as desigualdades destrutivas ou da integração sócio-política.

Tabela 1

PROGRAMAS PÓS-GRADUADOS DE SOCIOLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE
OFERECENDO 22 ESPECIALIDADES

Especialidade	Porcentagem dos 162 Programas que oferecem cada especialidade	Enfatizado por 5 ou 6 departamentos. Elite
Comportamento Desviante	58	
Psicologia Social	56	5
Teoria Sociológica	51	5
Metodologia e Estatística	49	5
Organização Formal	47	5
Sociologia do Conhecimento e Ciência	47	5*
Sociologia Urbana	43	5
Demografia	35	5
Relações Raciais e Étnicas	33	
Estratificação e Mobilidade Social	32	6
Família e Papéis Sexuais	30	
Sociologia Política	30	6
Desenvolvimento Sócio-Econômico	27	6
Ocupações e Profissões	24	6
Sociologia da Medicina	23	
Sociologia da Educação	20	
Sociologia da Religião	19	
Ecologia Humana	14	
Lei e Sociedade	14	
Sociologia Rural	9	
Sociologia Matemática	8	
Sociologia Militar	2	

* Uma dessas Universidades teve em 1972 um Departamento de Demografia separado

Tabela 2

NÚMERO DE PROFESSORES EM PROGRAMAS ESPECIALIZADOS
DE POS-GRADUAÇÃO NOS SEIS DEPARTAMENTOS DE SOCIOLO
GIA DISTINGUIDOS NOS ESTADOS UNIDOS - 1971 - 1972

Universidades	Professores de Sociologia	Programas Especiais
U de C B	28	11
C U	25	13
U de C	35	17
H U	16	17
U de M	34	10
U of W	55	20

Tabela 3

PROGRAMAS ESPECIALIZADOS DE POS-GRADUAÇÃO DE DE-
PARTAMENTOS ELITE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

Sub-Disciplinas	U de CB	CU	U de C	HU	U de M	U de W
Ocupações e Profissões	x	x	x	x	x	x
Sociologia Política	x	x	x	x	x	x
Desenvolvimento Sócio-Econômico	x	x	x	x	x	x
Estratificação e Mobilidade	x	x	x	x	x	x
Organização Formal	x	x		x	x	x
Metodologia e Estatística		x	x	x	x	x
Psicologia Social	x		x	x	x	x
Teoria Sociológica	x	x	x	x		x
Sociologia e Conhecimento da Ciência		x	x	x		x
Sociologia Urbana		x	x	x		x
Sociologia Matemática		x	x	x		x
Família e Papéis Sexuais		x	x	x		x
Lei e Sociedade	x		x	x		x
Raça e Relações Étnicas	x			x	x	x
Demografia		x	x		x	x
Ecologia Humana			x		x	x
Desvios	x			x		x
Educação		x	x	x		
Religião	x			x		x
Sociologia da Medicina			x			x
Sociologia Militar			x			
Sociologia Rural						x